

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL**

ERIKA CARNEIRO DA SILVA

**PERCEPÇÃO DE IDOSOS SOBRE O PROCESSO DE TRANSIÇÃO
OCUPACIONAL: DO TRABALHO À APOSENTADORIA**

João Pessoa - PB

2016

ERIKA CARNEIRO DA SILVA

PERCEPÇÃO DE IDOSOS SOBRE O PROCESSO DE TRANSIÇÃO
OCUPACIONAL: DO TRABALHO À APOSENTADORIA

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Curso de Terapia Ocupacional como requisito parcial obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Márcia Queiroz de Carvalho Gomes.

João Pessoa - PB

2016

ERIKA CARNEIRO DA SILVA

**PERCEPÇÃO DE IDOSOS SOBRE O PROCESSO DE TRANSIÇÃO
OCUPACIONAL: DO TRABALHO À APOSENTADORIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Aprovado em 02 de Junho de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Márcia Queiroz de Carvalho Gomes
UFPB
Orientadora

Prof.^a Dra. Berla Moreira de Morais
UFPB
Examinadora

Prof.^a Ma. Leticia Zanetti Marchi
UFPB
Examinadora

S586p

Silva, Erika Carneiro da.

Percepção de idosos sobre o processo de transição ocupacional: do trabalho à aposentadoria / Erika Carneiro da Silva. - - João Pessoa: [s.n.], 2016.

50f.: il. -

Orientadora: Márcia Queiroz de Carvalho Gomes.

Monografia (graduação) – UFPB/CCS.

1. Ocupação. 2. Trabalho. 3. Aposentadoria. 4. Terapia Ocupacional.
5. Idoso.

BS/CCS/UFPB

CDU: 613.98-057(043.2)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a meus pais por toda contribuição que deram ao longo dos quatro anos que trilhei para minha formação.

Agradeço por toda paciência e compartilhamento de saberes da minha orientadora Márcia Gomes que com todo seu jeitinho amoroso e atencioso contribuiu com meu crescimento acadêmico e que levarei para minha vida profissional.

Sou grata á todos os participantes dessa pesquisa que aceitaram de bom grato serem entrevistados e se disponibilizaram a compartilhar suas experiências de vida comigo. Se não fosse essa porta aberta minha pesquisa não teria ocorrido.

Não posso esquecer-me de expor meus agradecimentos às professoras Letícia Marchi e Berla Morais que aceitaram compor minha banca e acrescentar novos olhares ao meu trabalho.

E por último e não o menos importante, sou imensamente grata a todos meus amigos que estiveram presentes nos momentos bons e ruins ao meu lado e juntos apoiamos uns aos outros, agradeço de coração à Camilla Ferreira, Débora Firino, Emily Fernandes, Nilton Carlos, Suzana Melo e Thamiris Amarante.

RESUMO

No processo de envelhecimento um dos momentos que os idosos passam é a transição ocupacional do trabalho à aposentadoria. Este momento pode ser vivenciado com sofrimento e perdas ou como oportunidade de vivenciar novas atividades ocupacionais ou retomada de atividades significativas. Existem poucos estudos que investigaram como ocorre esse processo de transição ocupacional. Este estudo tem como objetivo compreender como o idoso percebe o processo de transição ocupacional do trabalho para a aposentadoria e suas implicações no cotidiano e na sua saúde. Trata-se de estudo descritivo e exploratório, contemplando uma abordagem qualitativa. Participaram da pesquisa oito idosos de ambos os sexos, aposentados. Os dados foram coletados através de uma entrevista semiestruturada, e foram analisados utilizando a análise de conteúdo. Essa pesquisa traz como resultados que o trabalho é considerado uma ocupação de suma importância na vida dessas pessoas, tanto que, mesmo após a aposentadoria, o trabalho continua sendo um reorganizador do cotidiano de muitos deles. O trabalho representa a possibilidade de (re)inserção social e gera sentimentos de utilidade para os mesmos. Pode-se concluir que no início da aposentadoria ocorre uma fase de reorientação, na qual os idosos precisam de uma preparação para reestruturar seu tempo e as atividades que irão se empenhar nessa nova fase da vida, de modo que possam estar realizando ocupações significativas e sintam-se satisfeitos, ativos e socialmente integrados.

Palavras-Chave: Ocupação; Trabalho; Aposentadoria; Terapia Ocupacional; Idoso.

ABSTRACT

In the aging process of the times that the elderly spend is occupational transition from work to retirement. This moment can be experienced with suffering and loss or as an opportunity to experience new occupational activities or resumption of meaningful activities. There are few studies that investigated how is this process of occupational transition. This study aims to understand how the elderly perceive the process of occupational transition from work to retirement and its implications in daily life and your health. It is a descriptive and exploratory study, contemplating a qualitative approach. The participants were eight elderly men and women, retired. Data were collected through a semi-structured interview and analyzed used content analysis. This research brings as a result the work is considered an occupation of paramount importance in their lives, so that even after retirement, work remains one of the many daily reorganizing. The work is the possibility of (re) integration and generates feelings of use to them. It can be concluded that early retirement occurs a phase shift, in which older people need a preparation to restructure their time and activities that will engage this new phase of life, so that they can be performing significant occupations and feel If satisfied, active and socially integrated.

Keywords: Occupation; Job; Retirement; Occupational therapy; Old man.

LISTA DE ABREVIATURAS

AOTA – Associação Americana de Terapia Ocupacional

CAP - Caixa de Aposentadoria e Pensão

CLT - Consolidação das Leis do Trabalho

Cobap - Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas

IAPs - Institutos de Aposentadorias e Pensões

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INPS - Instituto Nacional de Previdência Social

INSS - Instituto Nacional do Seguro Social

LOPS - Lei Orgânica da Previdência Social

MIC - Ministério da Indústria e Comércio

MPAS - Ministério da Previdência e Assistência Social

MTIC - Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio

MTPS - Ministério do Trabalho e Previdência Social

PPA - Programa de Preparação para Aposentadoria

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	12
2.1 A trabalho ao longo da história	12
2.2 Aposentadoria e envelhecimento	17
2.3 Programas de Preparação para Aposentadoria	22
3. METODOLOGIA	24
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
4.1 Perfil dos entrevistados	26
4.2 História ocupacional e o significado do trabalho	27
4.3 A tomada de decisão	28
4.4 Planos para a aposentadoria	30
4.5 Sentimentos em relação à aposentadoria	31
4.6 Vida cotidiana, rede social e saúde, o que muda?	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE I	45
APÊNDICE II	48

1. INTRODUÇÃO

Atualmente 13% da população brasileira é constituída por pessoas idosas, segundo a Síntese de Indicadores Sociais (IBGE, 2014), e ainda prevê que em 2060 a proporção da população idosa será de 33,7%. Com o aumento da população idosa em curso, que de acordo como estatuto do idoso são pessoas com idade igual ou maior que 60 anos, há a necessidade de conhecer e desenvolver ações e políticas que atendam às demandas desta parcela da população. As questões que envolvem o trabalho e a aposentadoria, por exemplo, são cruciais neste período da vida.

Na sociedade contemporânea, o trabalho é uma ocupação de suma importância, mas durante anos não era essa a visão que existia do trabalho. De acordo com Selig e Valore (2010), nos primórdios da humanidade as pessoas de classes inferiores não tinham outra escolha a não ser aceitar o trabalho como uma pena ou uma terrível desonra. Hoje, inversamente, não estar inserido no mercado de trabalho é causa de desonra, tanto pessoal como social. Segundo estes autores com o capitalismo houve uma reorganização social levando as pessoas a buscarem um trabalho, pois as pessoas começaram a notar os benefícios que a produtividade poderia lhes trazer e não era mais um serviço obrigatório, porém vindo do próprio interesse. Tais mudanças trouxeram a necessidade do engajamento das pessoas nessa área de ocupação e ela tornou-se parte da vida de muitos indivíduos.

Como uma atividade remunerada, o trabalho tornou-se necessário e para muitos passou a ser o definidor de suas vidas. E hoje, pode-se observar que no mercado de trabalho estão inseridos homens e mulheres, sendo as mulheres ainda uma parcela menor, pois de acordo com o IBGE (2014), elas são 34,8%, enquanto os homens são 39,1%, no trabalho formal. Apesar de ser um indicador menor, as mulheres tiveram um grande crescimento no setor trabalhista e ambos têm seus ideais com relação ao trabalho.

O trabalho passou a ser, como afirma Zanelli e Silva (1996 apud Cintra, 2010), o definidor do sentido da existência humana, e, mesmo sem entender o significado do trabalho, a criança já está sendo preparada para ele no processo de socialização. Isto indica que a organização do cotidiano, ou seja, as atividades

ocupacionais dos seres humanos são, em grande medida, orientada para ou pelo trabalho.

Segundo AOTA (2015, p. 6), o termo ocupação engloba as atividades, ou seja, tudo que as pessoas fazem para se ocupar. Dentre as áreas de ocupação encontra-se: as atividades de vida diária, atividade instrumental de vida diária, descanso e sono, educação, brincar, lazer, participação social e o trabalho.

As ocupações são realizadas durante todo o curso da vida, desde o nascimento até a morte, ocorrendo mudanças que fazem com que algumas ocupações tornem-se o foco principal no cotidiano dos indivíduos. Enquanto que na infância a principal ocupação é o brincar, na fase adulta o trabalho é, quase sempre, uma das ocupações mais significativas para o sujeito. Assim, no processo de envelhecimento chega a hora de retirar-se do trabalho, pois como expressa Cintra (2010), os idosos devem ceder o lugar aos mais jovens no mercado de trabalho. Chega a hora da aposentadoria.

A aposentadoria é um direito dos idosos, direito que foi alcançado a partir de uma luta longa dos trabalhadores. Historicamente a aposentadoria teve início no Brasil em 1923, com a criação da Caixa de Aposentadoria e Pensão - CAP. Inicialmente era atendido os trabalhadores ferroviários, seguindo, em 1926, das categoriais dos estivadores e marítimos e, no ano de 1950, também foram incluídos os trabalhadores rurais (Azevedo, 2012). Só mais tarde que houve a criação do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), que filiou todos os trabalhadores. E a autora informa que após muitos anos a procura de seus direitos, os com mais de 60 anos, tiveram a oportunidade de ver a aprovação do Estatuto do Idoso em 2003. Sendo o Estatuto do idoso criado com intuito de assegurar os direitos dos idosos, entre eles o trabalho, como também a aposentadoria. Porém, segundo Deps (1994 apud DEBETIR, 2011) a aposentadoria é um processo que ocorre abruptamente.

Para Selig e Valore (2010) a aposentadoria, em nossa sociedade, representa uma transição do ciclo de vida e que, como tal, pode ser vivenciada como um momento de crise e de sofrimento. No entanto, também pode trazer prazer em novos engajamentos pessoais. Podendo observar que o processo de transição do trabalho para a aposentadoria pode ser satisfatório ou não para os idosos, dependerá de suas concepções.

Com o intuito de preparar os idosos a lidar com as consequências da aposentadoria foram criados os Programas de Preparação para Aposentadoria – PPA. Esses programas são realizados pelas organizações que se preocupam com o processo de aposentadoria de seus empregados, afirma Muniz (1996). Entretanto, são ainda muito poucos programas existentes, abrangendo um contingente muito pequeno de pessoas.

O processo de transição do trabalho a aposentadoria, portanto, pode apresentar benefícios - pode ser uma oportunidade de vivenciar novas atividades, retomar atividades ocupacionais significativas e possibilidade de fazer novas relações sociais - como também pode apresentar dificuldades acarretando uma desorganização do cotidiano, um desequilíbrio ocupacional e até um isolamento social.

Como futura Terapeuta Ocupacional, interessada em estudar e pesquisar acerca das ocupações humanas, surgiram algumas indagações, tais como: de que modo as pessoas vivenciam o processo de saída do trabalho? Qual o significado do trabalho nas suas vidas? Em que momento decidem pedir aposentadoria ou motivados por quê? Eles planejam o que irão fazer com o tempo liberado do trabalho? Como se sentem como aposentados? Que dificuldades enfrentam em reorganizar seu cotidiano sem o trabalho? Há diferenças de gênero no modo como vivenciam este processo? Há diferenças no modo de vivenciar esse período entre os primeiros anos de aposentadoria e nos anos posteriores? Como essas mudanças impactam na saúde? Motivada por tais indagações iniciei este trabalho como uma primeira incursão nesta temática que atinge, mais cedo ou mais tarde, todos nós.

Considero que esse processo de transição precisa ser mais conhecido e discutido pelos profissionais que estudam a área. Desse modo, podem surgir novas estratégias, ampliação de programas tais como os PPA e políticas que possam promover oportunidades para que as pessoas usufruam dessa fase da vida o que lhe é significativo, trazendo bem estar para si e sua família.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo buscar compreender como homens e mulheres percebem o processo de transição ocupacional do trabalho para a aposentadoria e suas implicações no cotidiano e na sua saúde.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 O trabalho ao longo da história

O trabalho passou por inúmeras visões nas diferentes sociedades e períodos históricos e ele foi à base para o desenvolvimento humano. Sem o trabalho, pode-se dizer que não haveria desenvolvimento humano, estando este diretamente relacionado a toda história da humanidade.

Historicamente nas sociedades tribais o trabalho não estava desvinculado da vida em grupo, mas entre os rituais e atividades exercidas na vida social dos membros pertencentes às tribos. Segundo Barbosa (n.d.), a organização de trabalho nesses grupos, em geral, estava baseada na divisão por sexo, onde homens e mulheres executavam atividades diferentes. Porém para esses indivíduos tal atividade estava incluída no seu cotidiano como parte de sua vida e não como ganho de vida. Com o tempo, essa concepção começa a mudar devido o avanço nas construções de novas ferramentas e no plantio.

Na sociedade escravista o trabalho voltado à economia natural passa a ser mercantil. Os homens livres encontravam-se engajados em atividades esportivas e teatro, até “os gregos, no período clássico, por exemplo, pensavam que só o ócio criativo era digno do homem livre, o trabalho manual era desprezado” (SANTOS, 2012, p. 22). Observando-se que para as pessoas da época o trabalho era visto como pesado, sofrido, menos nobre e que apenas os negros por serem tratados de forma inferior e imparcial eram postos para realizar os trabalhos braçais, nos campos e nas casas. Assim, a origem da palavra trabalho deriva do latim, *tripalium*, que significa um instrumento de tortura feito por três estacas ou mourões que servia para torturar escravos.

Mas na sociedade feudal, a escravidão dar lugar a servidão. O dono das terras, onde ocorria o meio de produção, era o senhor feudal e os camponeses possuíam as propriedades dos meios de trabalho direto e certo grau de liberdade e obrigações. Enquanto que os servos trabalhavam nas terras do senhor e recebiam um pequeno terreno no qual trabalhavam por conta própria, mas pagando ao senhor várias taxas (SANTOS (2012) e BARBOSA (n.d.)). A partir dessa época inicia-se trocas de garantias e direitos dos trabalhadores com seus senhores.

Porém, é na sociedade moderna que o trabalho passa a ser valorizado entres os indivíduos e tendo-se olhar para o capital, onde segundo BARBOSA (n.d.) o capital era:

O processo de criação das condições para a consolidação das relações capitalistas de produção por meio da separação do produtor direto dos meios de produção (cercamento dos campos com a expropriação/proletarização camponesa) e da centralização do capital (capital-moeda, meios de produção etc) e dos recursos naturais (terra, florestas etc) nas mãos da burguesia e da aristocracia aburguesada. (BARBOSA, n.d, p. 51)

Oliveira e Mañas (2004) afirmam que ocorreu uma divisão entre os homens livres, ou seja, o trabalhador livre assalariado e o proprietário dos meios de produção. Para os proprietários de terra era vantajoso poder escolher o trabalhador para as suas propriedades. No Brasil foi o imigrante que, segundo Lara (1998), no final do século XIX, substituiu o escravo negro. Tal escolha devia-se, em parte, às reivindicações dos escravos de que as condições de trabalho deveriam ser mais importantes que o nível de salário (LARA, 1998). Eram realizadas essas reivindicações dos escravos devido à forma empregada aos mesmos durante o escravismo, mas com a liberdade que obtiveram queriam ter melhorias no seu trabalho. Porém o trabalho manual não durou muito tempo.

Com a chegada da Revolução Industrial, na sociedade contemporânea, o trabalho manual foi de acordo com Oliveira e Mañas (2004, p. 59) “subordinado à nova tecnologia da maquinofaturada”. A nova forma de trabalho trouxe consigo ritmos e formas de trabalho que conseqüentemente tornou o trabalhador dependente do tempo das máquinas e um valor diferente ao operário, visto que antes tinham um conceito de liberdade, como afirma os autores citados:

Assim como para os escravos da Antiguidade e os servos da Idade Média, a realização que os trabalhadores assalariados deveriam esperar de seus esforços na produção fabril era a de poder sobreviver e procriar (OLIVEIRA E MAÑAS, 2004, p.60).

A condição das classes operaria eram segundo Barbosa (n.d.) as piores possíveis na metade do século XIX. O trabalhador fabril encontrava-se em condições precárias o que gerou revoltas dos operários. No Brasil as reivindicações

dos operários eram, de acordo com Maringoni (2013), pelo aumento de salários, redução de jornada de trabalho e abolição da exploração de crianças e mulheres. O autor relata que em 1919 foi divulgada a lei de proteção aos que eram acidentados no ambiente de trabalho e veio a existir um dispositivo que dava instruções para os menores de 18 anos no seu emprego.

No mundo do trabalho buscou-se trazer melhorias nas fábricas através de divisões no âmbito fabril e essas mudanças não acarretou na diminuição do esforço físico e do tempo para os operários. Sobre essa forma de acabar com oposição dos trabalhadores, Oliveira e Mañas (2004, grifo nosso), acreditam que a visão dos patrões era tornar o homem dócil. Com isso surgiu novas linhas de produção nas fábricas.

Surgiram linhas de produção fabril com intuito de diminuir a resistência dos operários, foi o Taylorismo, criado por Frederick W. Taylor, que visava fracionar as etapas de produção, realizando tarefas repetitivas e com controle de tempo e de produção, onde o trabalhador que produzisse mais era premiado; mais tarde surgiu o Fordismo, introduzido por Henry Ford, o qual continuou com o Taylorismo, acrescentando a produção em massa ou em séries de linha de montagem (SANTOS, 2012). Devido à falta de flexibilidade na produção e avanço no mercado, surgiu o Toyotismo, que tem como flexibilidade, segundo Carmo (1998), a capacidade de rápida adaptação da empresa para produzir, não só por máquina, mas pela ágil variação de mão de obra. E esses sistemas tornaram os trabalhadores mais confinados às fabricas, como também proporcionou desemprego aos que não estavam dentro dos parâmetros solicitados pelos empregadores para realizar trabalho fabril.

No Brasil, houve várias lutas pelos direitos trabalhistas. Assim, em 1930, Getúlio Vargas criou o Ministério do Trabalho Indústria e Comércio. E em 1931, promulgou a primeira lei sindical brasileira, o Decreto nº 19.770, que buscava controlar as reivindicações trabalhistas. Em 1933, aprovou o direito de férias anuais aos trabalhadores e proibiu o trabalho para crianças menores de doze anos. Em 1934, surge uma Constituição para organizar e trazer os direitos do trabalhador, como salário mínimo, férias e descanso semanal remunerado. E em 1935, criou-se uma lei garantindo a estabilidade no emprego, estipulando indenização aos

assalariados demitidos sem justa causa. No ano de 1940, ocorre a criação de um salário mínimo nacional. Por fim em 1943, o ajuntamento de leis, decretos e normas existente na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), trazendo assim os direitos do trabalhador, a organização sindical e a Justiça do Trabalho (MARINGONI, 2013).

Junto com as reivindicações trabalhistas também houve a conquista do direito a aposentadoria, que teve início com as caixas de pensões, em 1923, passando por inúmeras mudanças e trazendo melhorias aos trabalhadores durante a chegada da aposentadoria (AZEVEDO, 2012). Direito que passou a existir diante de muitas lutas pelos trabalhadores idosos.

E a partir do descrito nota-se que é no sistema capitalista que surge o conceito de emprego, pois o trabalho existe desde os primórdios, quando o homem começou a transformar o meio em que viviam. Porém, o termo emprego iniciou-se no capitalismo, onde o homem vendia sua força de trabalho em troca de salário, que de acordo com Santos (2012, p. 24), transformando a força de trabalho em mercadoria. Para o referido autor, trabalho é “a atividade ou ação que necessita de capacidades físicas e mentais, destinada a satisfazer as necessidades humanas”. E emprego, segundo Morin (2001, p. 12), diz respeito à “ocupação de uma pessoa, correspondendo ao conjunto de atividades remuneradas em um sistema organizado economicamente”.

Selig e Valore (2010, p. 74) relatam que devido à “função da reorganização social advinda do capitalismo e dos preceitos da reforma protestante, houve a dignificação da pessoa humana”, pois no olhar das leis capitalistas, “o não trabalhar passa a ser visto de forma pejorativa, incitando a exclusão e a marginalização social”. Com isso o trabalho se torna algo obrigatório para o homem, para os que querem ser notados fazendo parte da sociedade.

Para Karl Marx, um dos grandes analistas do capitalismo, segundo Santos (2012), o homem nesse sistema tornou-se alienado, pois a liberdade e independência já não existiam. A pessoa tinha sua vida social e livre apenas fora do trabalho.

Diante das modificações, direitos e liberdades, o trabalho ainda traz alguns traços da escravidão e da servidão, como a alienação. De acordo com Oliveira e Mañas (2004) alienação é definida como:

O processo de coisificação do homem por meio do trabalho: aquilo que era sem vida (a matéria, o produto) ganha vida, pois passa a determinar o valor do próprio trabalhador. Por outro lado, o homem (que tem a vida), ao subordinar-se às imposições do mercado e não exercer a vontade própria, transformar-se em coisa, perde a sua humanidade. (MAÑAS, 2004, p.64)

No entanto, apesar do histórico vinculado ao trabalho, à sociedade contemporânea tem o trabalho como uma ocupação de suma importância e quem não está inserido no mercado de trabalho é causa de desonra, tanto pessoal como social. O trabalho para muitos, analisando individualmente, traz para si a realização pessoal, autoestima e o convívio social com outros. E como afirma Oliveira e Mañas (2004, p. 64), “trabalhando o homem pode modificar a si mesmo, produzir cultura e se autoproduzir”.

Com a reorganização social advindo do trabalho, este passou a ser não apenas necessário, mas para muitos, o definidor da vida, como afirma Zanelli e Silva (1996 apud Cintra, 2010). O trabalho está entre as ocupações segundo a AOTA (2015), e por fazer parte do curso da vida ele tornou-se o foco principal dos indivíduos nessa sociedade que dá valor ao capital e ao status. E por fazer parte do curso da vida, na fase adulta o trabalho que é um das ocupações mais significativas para o sujeito e nesta área ocorre um engajamento das pessoas nele e torna-se parte do cotidiano delas.

Portanto, o trabalho é toda atividade que transforma o homem e que o homem transforma a natureza. Sendo esta transformação tanto positiva como negativa para o homem, visto que cada um tem um olhar diferente para essa função.

Como outras ocupações que realizamos no cotidiano, o trabalho tem um tempo que inicia e termina em nossas vidas, como um ciclo presente no desenvolvimento humano ele pode ser encerrado com a aposentadoria, ou mesmo continuado nessa fase da vida. O que vai determinar é a forma como cada indivíduo pontuou o trabalho nos anos que se manteve inserido nele, como corrobora

Chrisostomo e Macedo (2011) ao descrever como é encarada a chegada da aposentadoria:

[...] ocorrem de maneira diferente na vida de cada pessoa, e a forma com que são vividos e sentidos dependerá da vida social, da relação da própria pessoa com o trabalho, das relações familiares desta pessoa, dos papéis sociais que ela desempenha, do modo de ser de cada uma, do suporte financeiro que representa dos seus projetos e de muitos outros fatores que fazem parte de sua vida (CHRISOSTOMO E MACEDO, 2011, p.154).

Essa transição ocorre para muitos no envelhecimento, no qual a pessoa idosa além de apresentar limitações físicas é visto pela sociedade como incapaz de realizar suas atividades laborais e encontra-se no momento de parar. No entanto, para alguns idosos tanto ocorre à necessidade ou desejo de permanecer no trabalho ou pode representar o momento de satisfazer os desejos que foram impossíveis de serem realizados na juventude.

2.2 Aposentadoria e envelhecimento

O envelhecimento é um processo natural e que traz certas alterações no indivíduo, os quais, segundo Zimmerman (2000), envolvem aspectos físicos, psicológicos e sociais. Dentre tais aspectos o autor cita que o social é um dos que mais afetam a pessoa idosa, visto que nele ocorre: crise de identidade; mudanças de papéis na família, no trabalho e na sociedade; aposentadoria; perdas diversas; e diminuição dos contatos sociais.

As modificações que surgem no processo de envelhecimento podem trazer efeitos negativos para a pessoa idosa, dentre eles estão os aspectos psicológicos, que inclui a baixa autoestima, dificuldade de se adaptar em novos papéis e doenças como depressão (ZIMMERMAN, 2000). Esses aspectos, às vezes, estão relacionados ao trabalho, pois, para muitos, chega a hora de sair do trabalho. A aposentadoria vem em muitos casos com a chegada do marco da velhice, ou seja, aos 60 anos, podendo acontecer de maneira satisfatória para os indivíduos, ou não.

A aposentadoria tem uma longa história e é um direito dos idosos, direito que foi alcançado a partir da luta dos trabalhadores. Advinda da proteção social, surgiu inicialmente a partir de dois modelos: o bismarckiano, através de caixas de pensão para os trabalhadores em circunstâncias de risco social por ausência de trabalho; e o modelo beveridgiano, para pobres incapazes de trabalhar, idosos doentes, deficientes e crianças, os quais foram criados respectivamente um no fim do século 19, na Alemanha e outro no século 20, na Inglaterra (AZEVEDO, 2004).

De acordo com Azevedo (2004), no Brasil predomina na Seguridade Social o modelo bismarckiano na previdência social, mas na saúde e na assistência social o beveridgiano. É importante ressaltar que até o século 20, os indivíduos com saúde e com vigor físico continuavam no trabalho. Porém, com as novas tecnologias, o trabalhador velho foi desconsiderado e “o envelhecimento profissional passou a ser definido em função da menor produtividade justificada pela inadaptação às novas condições de trabalho” (AZEVEDO, 2004, p. 28) E acontecendo o que expressa Cintra (2010), os idosos deixando o lugar para os mais jovens no mercado de trabalho.

A aposentadoria teve início no Brasil em 1923, com a criação da Caixa de Aposentadoria e Pensão - CAP. Inicialmente era atendido os trabalhadores ferroviários, seguindo, em 1926, das categoriais dos estivadores e marítimos, e mais tarde a outras profissões (AZEVEDO, 2012). As CAPs foram criadas com objetivo de atender as reivindicações dos trabalhadores e obter controle das mobilizações formadas pelo proletariado. Mas em 1930 veio a existir os Institutos de Aposentadorias e Pensões – IAPs, que era organizado pelo Estado e juntamente com a regulamentação do trabalho, com intuito de atender vários empregados de categorias profissionais específicas (AZEVEDO, 2004). Vindo a existir as IAPs segundo a categoria de trabalhadores que eram segurados e sendo acrescentado nelas o nome da profissão, como exemplo, Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes, dentre outros.

Com o Estado direcionando o sistema previdenciário, era “condicionada à escolha e nomeação dos presidentes dos Institutos de Aposentadorias ao referendo do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (MTIC)” de acordo com Azevedo (2012, p. 94), e este órgão passou também a supervisionar os assuntos referentes

os previdenciários. A previdência social obteve os vínculos relatados anteriormente através do regime de capitalização, não só esses como outros que foram adquiridos durante toda a história (AZEVEDO, 2004).

Com novas mobilizações em 1960, a lei Orgânica da Previdência Social - LOPS trouxe a ampliação de direitos e benefícios a todas as categorias trabalhistas, os benefícios foram, como informa Azevedo (2004):

- Auxílio – doença;
- Aposentadoria por invalidez;
- Aposentadoria por velhice;
- Aposentadoria especial;
- Aposentadoria por tempo de serviço;
- Auxílio – natalidade;
- Pecúlio;
- Assistência financeira.

Mas com o objetivo de unificar o sistema previdenciário e acabar com as dificuldades que estavam existindo nas IAPs, o MTIC se desvinculou, formando o Ministério do Trabalho e Previdência Social – MTPS e o Ministério da Indústria e Comércio – MIC, e depois a partir da lei nº 3782, houve a criação do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), que “filiou todos os trabalhadores urbanos, independentemente das suas categorias profissionais, com exceção dos servidores públicos civis da União” (AZEVEDO, 2012, p. 94).

Segundo Azevedo (2004, p. 34), em 1990, “o INPS e o IAPAS foram extintos e substituídos pelo INSS - Instituto Nacional do Seguro Social sob o controle do MTPS”. Onde o sistema de previdência social funciona a partir da contribuição do trabalhador regido pela CLT, do empregador e do Estado, porém a maior contribuição vem do trabalhador. Hoje, a previdência social encontra-se sob o Ministério da Previdência e Assistência Social – MPAS.

Com a unificação, os aposentados e pensionistas viram seus direitos reduzidos, visto que a aposentadoria é uma transição para a velhice, como mostrar o olhar da

sociedade capitalista, na qual a produtividade tem maior valor e os idosos acabam sendo vistos como incapacitado e improdutivo. E os jovens assumem seu lugar. Devido a essa exclusão os aposentados foram à luta.

As reivindicações foram organizadas por meio de “Associações, Federações por Estado e uma Confederação em âmbito nacional, a Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas (Cobap)” (AZEVEDO, 2012, p. 95). Suas demandas eram devido os valores baixos de seus benefícios e as dificuldades em obter os direitos, sendo através de processos judiciais.

As lutas trouxeram frutos aos aposentados e pensionistas, a começar pela Constituição de 1988, que assegurou a “contagem por tempo de contribuição aos aposentados, em que os diversos regimes de previdência social compensarão financeiramente” (BRASIL, 2014, p. 59). E junto com os direitos, o conceito de seguridade social apareceu para orientar o sistema de proteção social brasileiro, com três pilares das políticas públicas: Saúde, Assistência e Previdência (AZEVEDO, 2012).

Interessante ressaltar que com as mobilizações feitas pelos aposentados, há uma demonstração contrária do que é a visão da sociedade para os mais velhos. Observa-se um idoso ativo e que é capaz de lutar por seus direitos e com forças para trabalhar. Azevedo (2012, p.98) afirma ao relatar que existe “uma nova representação do aposentado e da velhice, ancorada em seu reconhecimento enquanto sujeito de seu modo de existência, capazes de defender seus interesses por si próprios”.

Após muitas reivindicações, os cidadãos com mais de 60 anos, tiveram a oportunidade de ver a aprovação do Estatuto do Idoso, em 2003, que foi criado com intuito de assegurar os direitos dos idosos, entre eles o trabalho, como também a aposentadoria. Porém, segundo Deps (1994) apud Debetir (2011) a aposentadoria é um processo que ocorre abruptamente:

Significa ruptura com atividades profissionais desempenhadas, ocasionando afastamento e redimensionamento da natureza interpessoal, bem como novas formas de ocupação do tempo, e

consequentemente, novos comportamentos e novas autopercepções (DEPS, 1994 APUD DEBETIR, 2011, p.5).

As rupturas nas atividades profissionais podem ser vistas positiva ou negativamente, dependera de cada pessoa. Para Ximenes e Concone (2009), a profissão que tem um destaque maior, principalmente na mídia, o afastamento do trabalhador é mais doloroso. As autoras comparam a uma viagem, onde a pessoa não conhece o idioma, a cultura, e por não conhecer o lugar acaba também não se conhecendo nele, não se identificando.

Ximenes e Concone (2009) usam o termo “morte social” para representar o sentido que o trabalho pode ter na vida da pessoa e com a desvalorização social do homem que está fora do sistema de produção considerando-o como ser inútil e incapaz. Por outro lado, as autoras referem-se a um termo que é usado como prêmio, com um sentido positivo para certos idosos, “o repouso merecido”, após anos de trabalho.

A forma como o idoso irá encarar e lidar com a aposentadoria será, como afirma Duarte e Melo-Silva (2009), segundo a experiência que cada um tem das pressões sociais, da sua construção pessoal e os recursos físicos e subjetivos que possui. Corroborando, Silva e Silva (1999) relatam que há significados diferentes para a aposentadoria, segundo a cultura, história de vida e as potencialidades criadas na vivência com o mundo e as pessoas. Como Duarte e Melo-Silva (1999) informa também, por ser uma transição, a aposentadoria pode ter perdas e ganhos.

A vivência da aposentadoria não é momento ou situação que os idosos passam, porém durará o resto de suas vidas. Silva e Silva (1999) ao referir a esse tempo conclui que por ser uma grande fase da vida não será apenas para lazer e descanso, o que alguns idosos podem de início pensar que será. Acaba sendo ilusão e acarretando em desânimo por não haver um planejamento de outras atividades no cotidiano.

Hornstein e Wapner (1985 apud FRANÇA E VAUGHAN 2008) apontam quatro dimensões na aposentadoria: A transição para o descanso (onde ocorre a diminuição das atividades); Novo começo (aproveitar o tempo livre e obter novas tarefas); Continuidade (mante em atividades importantes); Ruptura imposta (podem acontecer frustrações, devido ilusões ou expectativas insatisfeitas). Essas etapas

podem existir na vida de alguns, mais nem sempre a aposentadoria traz frustrações, pois como citado irá depender do histórico de vida de cada indivíduo.

Para alguns idosos a aposentadoria pode ser vista como liberdade e a diminuição de compromissos e responsabilidades, como a pesquisa realizada por Silva e Silva (1999) sobre representações do cotidiano com idosos aposentados apontaram. Os idosos acabam se sentindo livres por não ter que seguir horários e regras, que antes seguiam no trabalho. Porém, para eles o importante é sentir-se útil e trabalhar a mente e o corpo por hábitos adquiridos em sua vida, ou mesmo novos.

A pesquisa com idosos de Duarte e Melo-Silva (2009) sobre as expectativas diante da aposentadoria mostra que participar de serviços voluntários faz os idosos sentir-se contribuindo com a sociedade e conseqüentemente se vendo úteis. Sendo muito importante esse sentimento para a qualidade de vida dos mesmos. É interessante ressaltar que esse pensamento de querer ser útil faz com que muitos idosos se mantenham no trabalho ou retornem ao trabalho, podendo ser, até mesmo, um trabalho informal.

A partir das mudanças advindas dessa transição, França e Vaughan (2008) ressaltam a contribuição que um projeto de vida pode proporcionar a idosos que desejam estar engajados em atividades remuneradas ou voluntárias.

De acordo com Debetir (2011) a aposentadoria pode ser compreendida como rejeição, e conseqüentemente pode trazer a diminuição da autoestima das pessoas. Por isso, é de suma importância refletir a respeito da aposentadoria para que as atividades exercidas nesse período sejam satisfatórias e proporcionem qualidade de vida aos idosos.

2.3 Programas de Preparação para Aposentadoria

Em muitos momentos da vida é necessária uma preparação, seja ela física emocional ou financeira. Da mesma forma a aposentadoria requer um planejamento, pois como atesta Debetir (2011, p.50), “a ausência de reflexão a respeito da aposentadoria pode trazer hábitos e comportamentos que não promovam a qualidade de vida das pessoas”.

Com intuito de promover uma preparação para os que estão a se aposentar ou recém-aposentados, algumas instituições e empresas veem organizando programas de preparação para a aposentadoria - PPA. Tais programas, segundo Muniz (1996), seguem um modelo norte-americano adotado desde 1950, que consiste em cursos com discussões abordando pontos sobre a saúde, trabalho e finanças junto com os participantes.

Alguns trabalhos sobre esses programas trazem o resultado que estes proporcionaram aos participantes, tais como o descrito por Soares et. al (2007). O trabalho grupal criado por psicólogas de uma instituição federal com funcionários internos em fase de aposentadoria, o qual foi chamado de Aposenta-Ação “com intuito de prevenir problemas que a aposentadoria não planejada pode trazer por meio de reflexões e planejamento para esta nova etapa da vida” (SOARES et. al., 2007, p.148). Os grupos realizados pelo Aposenta-Ação oportunizou a participação de outros profissionais durante as atividades e abordou assuntos referentes a família, o medo e ansiedade, novas oportunidades, a saúde e o lazer dentre outros aspectos vindos das demandas do público participante. Diante das temáticas propostas e a etapa final que era uma entrevista individual para obter o feedback dos participantes, foi observado um resultado significativo, visto que vários dos participantes reatam estarem mais tranquilos para enfrentar a aposentadoria e saber lidar novas situações que surgissem.

Outro exemplo de programa de preparação para aposentadoria foi relatado por Muniz (1996), desenvolvido na Petrobras/RN. Os grupos de PPA eram compostos por empregados há dois anos de se aposentar e era realizado junto com os cônjuges. Consistindo em seminários abordando assuntos semelhantes aos outros programas citados e tendo uma segunda parte com a trajetória de vida dos participantes que diante do proposto lançavam suas percepções diante do que aprenderam e sentiram por usufruir do programa (PPA). Com essa vivencia Muniz (1996, p. 202, grifo do autor) relata que esse trabalho proporciona ao grupo um “olhar para a sua aposentadoria como um recomeço, um nascimento privilegiado, tornando-se o PPA não apenas um preparo para uma *aposentadoria*, mais uma preparação para um *amanhã*”.

3. METODOLOGIA

Este estudo é do tipo descritivo e exploratório, contemplando uma abordagem qualitativa, pois essa abordagem, segundo Minayo (1994 p.24)

[...] não se preocupa em quantificar, mas, sim, em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalham com a vivência, com a experiência, com a cotidianidade [...]

A pesquisa foi realizada com a participação de 08 idosos, entre 61 á 66 anos de idade. Foram 04 homens e 04 mulheres, pois buscava-se perceber as possíveis diferenças e semelhanças entre os gêneros. Os participantes obedeceram aos critérios de inclusão: 04 Idosos com até 3 anos de aposentados; e 04 Idosos com mais de 3 anos de aposentadoria. Pois, supõe-se que esta diferença de tempo de aposentadoria poderia revelar mudanças tanto no modo de ver esse processo quanto de vivenciá-lo.

A coleta de dados foi realizada através de entrevista semiestruturada (APÊNDICE II), dividida em três blocos, em que foram abordadas questões referentes aos dados socioeconômicos, tais como, idade, estado civil, com quem reside, renda familiar, quando aposentou, etc.; um histórico ocupacional falando sobre as atividades profissionais que exerceu e a importância delas nas suas vidas, o que é ser aposentado, dentre outros; e questões acerca do seu cotidiano atual e o grau de satisfação com suas atividades cotidianas e suas implicações na saúde. As entrevistas foram realizadas nos domicílios dos idosos, em dias e horários previamente combinados e as conversas foram gravadas com a autorização dos mesmos e posteriormente transcritas.

Os idosos foram recrutados a partir da abordagem chamada de “bola de neve” (snowball sample), ou seja, um indivíduo indica outros indivíduos na mesma situação, que possam ser entrevistados. O recrutamento do primeiro idoso foi a partir da indicação de uma amiga e a maioria deles foi por indicações de conhecidos, pois nem todos os que os idosos indicaram estavam dentro dos critérios e ainda outros se recusaram a participar da entrevista.

Os dados foram coletados no período de agosto de 2015 a fevereiro de 2016, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde/UFPB, sob o nº de protocolo 0383/15. CAAE: 46088815.7.0000.5188.

Os dados coletados através da entrevista semiestruturada foram transcritos e analisados por meio da Análise de conteúdo (BARDIN, 2006), uma vez que essa abordagem permite compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, assim como as significações explícitas ou ocultas (CHIZZOTTI, 2006). Nas falas dos idosos entrevistados surgiram seis categorias consideradas mais relevantes para análise, foram elas: a história ocupacional e o significado do trabalho; o momento em que tomaram a decisão de pedir aposentadoria; os planos que fizeram ou não para este período; os sentimentos em relação à aposentadoria; e por fim, como ficou a vida cotidiana, a rede social e a saúde depois da aposentadoria. Estes foram os principais temas discutidos neste trabalho, após a apresentação do perfil dos entrevistados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Perfil dos entrevistados

Os dados coletados nas entrevistas permitem traçar as características gerais da população participantes da pesquisa, como pode ser observado no quadro abaixo:

Quadro 1. Demonstrativo do perfil dos idosos entrevistados

Variáveis/ Idosos ¹	Marta	Fernando	Waldir	Joana	Severina	Helton	Cristiana	Elias
Sexo: Masculino - M Feminino - F	F	M	M	F	F	M	F	M
Idade	61	62	63	66	66	64	66	62
Estado Civil	Casada	Casado	Casado	Viúva	Solteira	Casado	Casada	Casado
Com quem residem	Cônjuge	Cônjuge	Esposa e uma filha	Sozinha	Sozinha	Esposa e dois filhos	Marido, neto e bisneto.	Esposa e um filho
Faixa de renda familiar	Um salário mínimo	Um salário mínimo	Sete salários mínimos	Quatro salários mínimos	Dois salários mínimos	Dois salários mínimos	Um salário mínimo	Um salário mínimo
Tempo de aposentadoria	1 ano	1 ano	3 anos	3 anos	9 anos	11 anos	5 anos	7 anos
Idade em que se aposentou	60 anos	61 anos	60 anos	63 anos	57 anos	53 anos	61 anos	55 anos
Profissão que se aposentou	Supervisora de produção	Mestre de obras	Encanador	Secretaria	Secretaria	Chefe de Operações	Professora	Porteiro
Tempo de trabalho	40 anos	40 anos	39 anos	35 anos	38 anos	36 anos	40 anos	38 anos
Atividade remunerada atual	Não	Abriu um comércio	Trabalha	Trabalha	Abriu um comércio em casa	Abriu um bar	Gestora de escola	Não

¹ Observação: Os nomes são fictícios para proteção da identidade dos idosos

Os dados revelam que os idosos pesquisados pertencem às classes populares e tanto os homens quanto as mulheres trabalharam de 35 a 40 anos, entretanto, três deles se aposentaram antes dos 60 anos; todos os homens são casados, enquanto as mulheres apenas duas são casadas, as outras duas moram sozinhas; três idosos têm filhos morando com eles e um tem neto e bisneto morando com ela e o marido.

Observa-se que apenas dois entrevistados não exercem atividade remunerada, um homem e uma mulher. Dentre os quatro que se aposentaram há menos de três anos, dois continuam no mesmo emprego, sendo encanador e outra secretária e um abriu um negócio próprio. Dos quatro que se aposentaram há mais de três anos, dois abriram comércio próprio e uma continua trabalhando na área anterior à aposentadoria. Acreditamos que isso ocorra por tratar-se de idosos jovens e de classes populares que encontram-se com disposição para o trabalho e buscam tanto a complementação da renda quanto o contato social, como poderemos observar mais adiante.

4.2 História ocupacional e o significado do trabalho

Observamos nas narrativas dos idosos sobre suas trajetórias profissionais que tanto os homens quanto as mulheres trabalharam em diferentes atividades ao longo de suas vidas laborais. No entanto, a maioria permaneceu décadas no mesmo emprego, especialmente no último trabalho. Duas idosas exerceram a mesma atividade profissional e outro desenvolveu funções diferentes na mesma empresa em que esteve durante toda sua jornada de trabalho. Entre as profissões que exerceram encontramos supervisora de produção, encarregado de obras, secretárias, professora, porteiro, encanador, e chefe de operações. Ao serem questionados sobre qual dos trabalhos exercidos mais gostaram, com exceção de um, informaram ter gostado mais da última profissão que se engajaram.

Nas sociedades contemporâneas o trabalho conserva um lugar importante na vida das pessoas, mesmo frente a todas as transformações que vem sofrendo. Para os idosos entrevistados não é diferente, ao serem questionados: O que era o trabalho para eles? Foi observado nas falas abaixo:

“Pra mim, o trabalho é muito importante, edifica a nós, dá um sentido em nossa vida”. (Sra. Severina, 9 anos de aposentadoria)

“O trabalho era não, é tudo, é importante”. (Sra. Cristina, 5 anos de aposentadoria)

“É tudo pra mim. Sem ele não tem sentido pra mim”. (Sra. Joana, 3 anos de aposentadoria)

“Trabalho significa tudo na vida da gente, se não for trabalho agente não tem nada na vida, entendes?” (Sr. Fernando, 2 anos de aposentadoria)

Essas falas estão de acordo com Chrisostomo e Macedo (2011, p.152) “o trabalho pode ocupar um vazio existencial e social, originando-se daí, a sensação de que não se pode viver sem ele”. O trabalho também é visto por alguns idosos como obrigação e como responsabilidade e, nesse sentido Morin (2001) contata que o senso de responsabilidade possibilita que o trabalho seja de interesse para o trabalhador.

“Trabalho é uma atividade que a gente tem que ter responsabilidade. Não é qualquer pessoa. A gente tem que chamar muita atenção das pessoas. A gente se envolve muito”. (Sr. Elias, 7 anos de aposentadoria)

“Trabalho é uma obrigação do dia a dia. É uma realização da minha vida que exercito, que faço em prol de mim e da minha família. Com isso eu me sinto satisfeito em fazer isso. Cumprindo uma obrigação que é diretamente para nosso benefício”.(Sr. Waldir, 3 anos de aposentadoria)

4.3 A tomada de decisão para aposentadoria

Diante da importância que o trabalho tem para esses idosos é interessante notar que a decisão para pedir a aposentadoria foi, até certo ponto, tomada com tranquilidade por quase todos e até desejada por alguns. Os relatos, tais como: “Foi ótimo”, “Deixar a obra foi fácil”, “Chegou meu tempo”, “Fiquei feliz”, “Foi uma surpresa” e “Me senti bem”, reforça o que dizem Chrisostomo e Macedo (2011), quando afirmam que a aposentadoria pode ser vista como “repouso merecido”.

Entretanto, ao relatar essa decisão percebe-se que ela vem permeada por justificativas que passam por problemas de saúde, obtenção de direitos, cansaço ou mesmo imposição do tempo.

“É porque eu gostava do trabalho, e ainda hoje gosto, é que tenho problemas no braço e dói pra caramba. Agora não dói mais não porque deixei de movimentar [...] Depois que me aposentei eu posso mexer novamente”. (Sr. Fernando, mestre de obras)

“[...] se eu esperasse chega setenta anos, saia sem nada no contra cheque. Então tinha que vim com as minhas gratificações”. (Sra. Cristiana, professora)

“Eu pedi porque morava muito distante, era muito cansativo pra mim [...]”. (Sra. Cristiana, professora)

“É que meu serviço [...], era muito puxado. Graças a Deus que me aposentei, graças a Deus! Passar 35 anos trabalhando pra os outros não é brincadeira não”. (Sr. Elias, porteiro)

“Porque completou o tempo ai tive que tomar a decisão”. (Sra. Joana, secretária)

Para uma idosa, entretanto, não foi fácil tomar a decisão de se aposentar, pois o trabalho para ela era a sua vida. França (1999 apud KHOURY et. al., 2010), relata que o afastamento das atividades laborais pode ser a perda maior, pois nesse ambiente existem laços afetivos, que incluem sua vida social. Esse sentimento de perda dos laços afetivos aparece na fala da idosa:

“Foi um desespero, porque é... Eu nem posso falar que me emociono até hoje (choro). Porque era uma equipe maravilhosa a que eu trabalhava, né? Então uma amiga minha, Fatima, nós trabalhávamos de comum acordo, uma guiando a outra e pra gente se separar foi muito triste. Triste porque eu ia deixa uma área que eu gostava muito, me identificava muito”. (Sra. Severina, secretária)

Segundo Morin (2001, p 17), o convívio com outros se torna um “estimulante para si mesmo”, não apenas para a identidade pessoal e social da pessoa, mas contribui “para o desenvolvimento de laços de afeição duráveis, procurando por vezes a segurança e a autonomia pessoal”.

Contudo, essa idosa, imediatamente tenta mostrar os pontos positivos da inevitável aposentadoria, e demonstra a ambivalência dos sentimentos quando prossegue falando:

“[...] e alegria porque agora eu ia viver pra minha casa e pra meus filhos. Meus filhos precisavam muito da minha companhia e eu como pai e mãe, eu tive que trabalhar pra cuidar dos meus filhos e meus filhos ficavam muito isolados, muito sozinhos. Então quando eu soube que eu ia me aposentar eu fiquei feliz porque eu ia ficar em casa e ao mesmo tempo triste porque eu não ia mais trabalhar na empresa” (Sra. Severina, secretária, 9 anos de aposentada, montou um comércio na frente da casa).

Percebe-se que sua vida girava em torno do trabalho e que sem ele ela estava reorganizando seu cotidiano para novas atividades e vendo neste tempo liberado do trabalho a oportunidade para reconstruir os laços familiares. Como afirma Soares et. al (2007, p. 146) “a dedicação quase exclusiva à identidade de trabalhador acaba, em muitos casos, por prejudicar o desempenho dos demais papéis sociais, dentre os quais o familiar”. Por isso, segundo as autoras, a aposentadoria não afeta somente o indivíduo, mas também aqueles que o cercam.

4.4 Planos para a aposentadoria

Apesar de a maioria ter chegado à aposentadoria e enfrentado positivamente, nenhum participou de Programas de preparação para aposentadoria – PPA. E cinco dos entrevistados informaram que não fizeram planos para este período da vida, mas três, dois homens e uma mulher abriram seus próprios comércios. Somente três idosos tiveram planos, um em abrir um comércio e dois em organizar suas casas e finanças.

Mesmo sem haver uma preparação esses idosos tiveram planos sejam eles logo no início como mais tardiamente à aposentadoria. E essa reorganização de suas rotinas através de novas atividades está entre as mudanças que surgem nessa etapa da vida, tanto que Hornstein e Wapner (1985 apud FRANÇA E VAUGHAN 2008) descrevendo sobre certas etapas afirmam que podem ocorrer no início da aposentadoria quatro dimensões, e uma delas é de aproveitar o tempo livre para novas tarefas. Semelhante a esses autores Khoury et. al. (2010, p. 15, grifo do

autor) também enfatizam a *fase de re-orientação* na qual o aposentado pode desenvolver uma “percepção mais realista de sua situação e procurar se engajar em novos projetos de vida”.

Os idosos que fizeram planos, dizem terem os realizado de forma satisfatória. Um dos idosos que abriu um comércio diz o que o motivou a fazer esse plano: “*Eu me aposentei com 53 anos e ainda tava pronto pra trabalhar.*” (Sr. Helton).

Semelhante a ele, dois idosos que não fizeram planos e também voltaram a trabalhar relataram o porquê. Um deles é a idosa que sentiu muito deixar o trabalho e buscou rapidamente se engajar mais nas atividades religiosas que desenvolvia antes. Ela disse:

“(...) com a minha aposentadoria eu me entreguei mais ao meu trabalho como Testemunha de Jeová, sai no campo, estou mais assídua na reunião, trabalho pra abrir estudos bíblicos. Ai eu fui me envolvendo mais no trabalho espiritual pra preencher meu cotidiano, né? Pra não fica tão sedentária” e “com o dinheiro da minha aposentadoria eu fui fazendo esses box”(…) (Sra. Severina, aposentada há 9 anos).

O outro é um idoso que diz que abriu um negócio:

“... só pra não ficar em casa, porque quando a pessoa não sai de casa fica uma pessoa neutra do mundo, né? Perdido. Tendo um negocinho assim pra interte a gente fica mais tranquilo” (Sr. Fernando, aposentado há 2 anos).

Ximenes (2010) descreve que há benefícios para os idosos que continuam trabalhando, como a melhora na saúde mental e contribui para a permanência nas relações sociais e pode também evitar males como a solidão e o esquecimento.

4.5 Sentimentos em relação à aposentadoria

Com as mudanças advindas da transição do trabalho para a aposentadoria, os idosos foram questionados sobre o que para eles é ser aposentado e mais da metade encara como um período positivo, muito bom, devido aos benefícios que a aposentadoria traz, tais como ter seu dinheiro todo mês sem ser necessário ter que enfrentar uma atividade pesada. Algumas falas revelam que a aposentadoria é algo

almejado por todos os trabalhadores, como direito, como recompensa pelos anos de trabalho ou como obrigação cumprida, confirmando o que diz Ximenes e Concone (2009) que se torna um prêmio e até positivo para certos idosos, o repouso merecido, após anos de trabalho. Nesse sentido, não se percebe diferenças entre os que têm menos ou mais de três anos de aposentadoria, ou entre homens e mulheres:

“Na verdade eu me sinto bem, me sinto realizado, porque era o que queria fazer, todos que trabalham tem vontade de chegar lá”. (Sr. Waldir, encanador, permanece trabalhando)

“Me sinto concretizada, completou o tempo e tinha que me aposentar”. (Sra. Joana, secretária, permanece trabalhando)

“A aposentadoria graças a Deus encaro numa boa, por que trabalhei muito pra isso” (Sra. Marta, não realiza mais atividade remunerada).

“A aposentadoria pra mim é um sossego de vida. Porque você batalhou, você é... Trabalhou muito. Foi bom, e a aposentadoria é um sossego de vida, só em você pensar que todo mês você vai lá e tem seu dinheirinho na sua conta, é bom demais. Pra mim é um sossego de vida porque você não pensa ‘tô desempregado’, vou na empresa, aquele negocio todo, não, você tá aposentado (Risos)”. (Sr. Helton, dono de um bar)

Apenas um homem aponta desvantagens com a aposentadoria, enfatizando o aspecto econômico, sendo o salário da aposentadoria uma preocupação diante a realidade de um país subdesenvolvido, como expressa Nascimento (2002). E, muitas vezes, o valor da aposentadoria é “insuficiente para o atendimento das necessidades diárias” (ALMEIDA, et. al. 2011, p. 109). Esta realidade é colocada pelo idoso:

“Ficou mais fraco de que quando estava na ativa nas condições financeiras (risos). Quando tava na ativa meu salário era 3 vezes mais que esse, mais ou menos 2 vezes, com carteira registrada. Quando você esta com salário mais ou menos bom que cai pra um lá em baixo, mais ruim que os outros... Ai quando você ganhava, tinha vez que eu contribui com quase um salário mínimo pra previdência, né? E me aposentei com esse valor”. (Sr. Fernando, dono de um bar)

Uma idosa aponta a falta de atividade como contraponto negativo da aposentadoria o que lhe fez voltar a trabalhar:

“É bom porque a gente vai buscar só o dinheiro todo mês, mas é ruim porque a gente fica sem fazer nada né? (risos)”. (Sra. Cristiana, aposentada há 5 anos e voltou a trabalhar)

Certos idosos veem de forma positiva esse período, outros também analisam o lado negativo, pois, assim como o trabalho, cada um atribui um significado individual à aposentadoria, como confirmam Chrisostomo e Macedo:

[...] seja como um tempo de descanso, de não fazer nada, ou como um tempo para viajar, ou para frequentar grupos de convivência, ou como um tempo para resgatar antigos sonhos ou talentos reprimidos, ou como um tempo para o trabalho, por prazer ou por necessidade; enfim, seja qual for o significado do trabalho, ele é único e particular. (CHRISOSTOMO E MACEDO, 2011, p.155)

E ao expressar o que acham que outros pensam sobre o aposentado, os entrevistados de ambos os grupos citam a diminuição das atividades e a inutilidade. Observamos bem esses pontos nas falas:

“Pensam assim que diminui seu trabalho, trabalha menos, e o menos fica em casa e não atinge mais nenhuma atividade, de empresa e outros trabalhos que eles fazem. É sossegado no seu lar”. (Sr. Waldir, 3 anos de aposentado)

“[...] essa palavra, eu hoje sou aposentado, vai se sentir inútil porque essa palavra “aposentado” tem peso. Leva a pessoa a pensar que não tem mais dignidade, então isso é muito negativo pra um aposentado. Um aposentado ele tem que se valorizar”. (Sra. Severina, 9 anos de aposentada)

“Acredito que enxergam assim, que a pessoa chegou a concluir aquele objetivo, né?” (Sr. Elias, 7 anos de aposentado)

A visão que existe das pessoas diante dos mais velhos, incluindo os idosos que se aposentam é descrita por Almeida et. al. (2011, p. 100) ao afirmar que na velhice as pessoas são encaradas como incapazes, doentes, com perdas, solidão e dependentes, “tanto de ordem funcional como financeira, e ainda o de pessoas chatas, cheias de manias, tristes, onerosas”.

4.6 Vida cotidiana, rede social e saúde, o que muda?

Com a aposentadoria a rotina diária naturalmente muda, pois já não há as mesmas obrigações a cumprir. Entretanto é necessário que haja uma reorganização

do cotidiano, com as novas atribuições que surgem ou a busca de novas. Vejamos então como foi para os entrevistados quando indagados sobre as mudanças ocorridas no cotidiano após a aposentadoria. Foi lhes perguntado: O que mudou no seu cotidiano após a aposentadoria?

Os homens com menos tempo de aposentadoria, continuaram sua rotina exercendo atividades laborais. Eles relatam que logo no início, encontravam-se reorganizando o cotidiano em sentido financeiro, em busca de novas atividades e outro retornou ao trabalho, tendo apenas a diminuição da carga horaria:

“[...] quando em casa eu não fazia nada (risos). E lá (no comércio que colocou) é movimentado o dia inteiro. Vô pra um canto, vô pra outro, resolvo as coisas, só. Eu gosto. Se você ficar em casa até as juntas enferruja”. (Sr. Fernando, dono de um bar)

“Mudou, é atividades extras não faço mais (se referindo às atividades que exerce no trabalho após a aposentadoria)”. (Sr. Waldir, retornou ao trabalho laboral)

Esse primeiro senhor anteriormente relata as perdas financeiras após a aposentadoria, mais também descreve a importância de se manter ativo. A pesquisa feita por Khoury et. al. (2010) mostra que os que exerciam uma profissão com menor qualificação pode na aposentadoria sentir mais falta do ambiente de trabalho, da rotina e do convívio com os companheiros. E isso ocorreu com esse idoso que por desejar manter uma rotina com atividades que lhe proporcionasse mais agilidade acabou retornando ao trabalho.

Para as mulheres desse grupo, menos de 3 anos de aposentadas, a situação é diferente. Uma delas não retornou a trabalhar, dedicando-se às atividades domésticas, às atividades religiosas, cuidando de si mesma, fazendo caminhadas e indo ao médico. As atividades voluntárias, as quais podem estar às religiosas, são uma das alternativas buscadas por aposentados, como revela a pesquisa feita por Duarte e Melo-Silva (2009) em que as pessoas que estão chegando à aposentadoria esperam encontrar um serviço voluntário para contribuir com a sociedade e sentirem-se úteis. E esse sentimento faz haver uma boa qualidade de vida para os mesmos. Sendo que esse pensamento de querer ser útil faz com que muitos idosos se mantenham no trabalho ou retornem ao trabalho, podendo ser, até

mesmo, um trabalho informal. A outra senhora continua trabalhando na mesma empresa, exercendo sua profissão. É importante ressaltar que a mesma vive só, evidenciando ser este o principal motivo para continuar trabalhando:

“Eu dou graças a Deus quando eu venho para o trabalho. Porque quando eu fico em casa, eu sozinha, não tenho filho, viúva, aí é preferível esta aqui trabalhando, do que ficar em casa. Se ficar em casa eu acho que ia ter uma depressão”. (Sra. Joana, permanece no trabalho laboral, 3 anos de aposentadoria)

Em relação aos idosos com mais de três anos de aposentados é possível notar em suas falas que estão com mais autonomia e seguros diante das atividades que hoje realizam no seu cotidiano. O homem que montou seu próprio negócio ressalta a liberdade para fazer seu próprio horário de trabalho, enquanto o outro se dedica a ajudar a esposa em algumas atividades e a assistir as irmãs mais velhas. Esses diferentes tipos de comportamentos demonstram que, “nem todos os trabalhadores têm nível alto de envolvimento ou satisfação com o trabalho” a ponto de permanecer nele após a aposentadoria, mas devido à saúde ou o desejo de participar de novas atividades entram para “outras atividades não-laborativas” (FRANÇA, 2009, p. 21):

“Tenho uma atividadezinha pra fazer, também não abro todos os dias, abro a partir da quarta, e não abro pela amanhã, (só) a partir das 3 horas da tarde. Agora sábado e domingo eu vou mais cedo”. (Sr. Helton, há 11anos aposentado)

“Há, agora quem diz a hora sou eu agora (risos). Almoço aí pronto, vou tirar um cochilo, assistir televisão, to aqui sentado no meu canto deixando o tempo passar. É, ou eu to em casa ou to na associação” (Sr. Elias, há 9 anos aposentado, não trabalha fora)

Quanto às mulheres, uma delas, mesmo tendo voltado a trabalhar, agora encontra tempo para atividades familiares e afetivas:

“Levanto de cinco horas faço café, almoço, acordo meu neto pra ir pra o colégio, depois chamo o bisneto levo pra escola, vou tomar conta das crianças. Eu montei agora uma creche e pronto, tudo que eu queria na vida. Eu vou ver o que tem em casa pra fazer... Me sentar, cochila numa cadeira de balanço, né? Pedi a meu neto pra pentear meu cabelo, fazer um

denguinho, ai quando da nove horas(da noite) eu vou da uns cochilos ai vou pra cama. Rezo meu terço e vou dormir” (Sra. Cristiana, à 5 anos aposentada).

A outra idosa demorou um tempo para se desligar afetivamente do seu ambiente de trabalho e diz que:

“Chorava até umas horas (risos) Telefonava pra as meninas pra saber, Fatima como é que tá? Cadê Dão? Cadê Getúlio? Procurava os meninos, queria conversa com os meninos, né? Com o tempo, ai pronto, eu me acomodei dentro de casa, ai com o dinheiro da minha aposentadoria eu fui fazendo esses box. Foi outra coisa que também me empaquei meu tempo, né? Foi com a pesquisa, sai pra fazer coleta de preços nas lojas, nos comércios, ai fui começando a me movimentar, não ficar parada dentro de casa”. (Sra. Severina, 9 anos de aposentada)

Dentre as atividades exercidas por esses idosos percebemos não apenas o trabalho laboral como também o envolvimento em atividades que são de interesse para eles, como ir associação dos idosos do bairro, estar com os familiares, ter sempre seu descanso ou mesmo não realizar mais nenhum tipo trabalho, seja ele informal ou não.

Em ambos os grupos a rotina de quase todos é em torno de atividades laborais durante a segunda a sexta, somente três idosos estão envolvidos em atividades domésticas e familiares no dia-a-dia. Dentre esses três, duas são mulheres e uma divide seu tempo com seus Box comercial.

A atividade preferida por mais da metade dos idosos é o trabalho, porém dois citaram as atividades religiosas e um viajar como seus principais interesses atualmente. Para cinco deles as atividades que lhes são prazerosas e significativas só conseguiram realiza-las depois da aposentadoria, isto porque construíram novas funções como, ser professora e comerciantes. E todos estão sentindo-se bem com suas ocupações, expressando ser “Maravilhoso”, “Tenho prazer”, “Muito satisfeito” com as atividades que atualmente realizam.

Segundo França (2009), o tempo que é adquirido na aposentadoria e a forma como este é reajustado na aposentadoria segue o modo como esses idosos utilizavam sua rotina e seus horários antes, quando afirma:

[...] a forma como distribuem o seu tempo durante a vida do trabalho pode influir na distribuição desse tempo no futuro, ou seja: a diversidade ou equilíbrio na distribuição do tempo durante a vida de trabalho é um preditor do que pode influenciar as atitudes na aposentadoria (França, 2009, p.22).

Com relação à rede social, todos, com exceção de dois idosos, acreditam ter aumentado depois da aposentadoria. Corroborando com esse fato, França (2009, p.20) descreve que é “possível que, independentemente da remuneração, aqueles que continuam imprimindo sua produtividade desenvolvam o senso de maior utilidade e obtenham maiores oportunidades para a interação social”.

Mesmo alguns tendo problemas de saúde, esses idosos declaram ter uma saúde razoável, nota-se nas falas:

“Minha saúde tá bem porque tomo meu remédio direitinho, tomo insulina duas vezes, o remédio de coração, é só agradecer a Deus”. (Sra. Marta)

“Só uma hérnia que apareceu, mas até o Senhor tirou, não senti mais nada. Depois que me aposentei comecei a dar umas carreirinhas pra ajeitar os ossos. Ai deu uma aparecidazinha, mas depois acabou-se. Quando ela pulava eu sentia, mas senti mais nada. Graças a Deus! Agora só diabetes e a pressão é alta, mas não é tanta. É só não deixa subir de mais”.(Sr. Fernando)

“Me aposentei com saúde e graças a Deus tudo na paz. Nunca tive problemas. Apesar de ser uma pessoa que não tem doença, a pessoa na velhice aparece muita coisa. Mas é só a pressão, mas isso eu controle ligeiro, mas aumenta um pouquinho, mas não chega alto de mais que eu controlo”. (Sr. Helton)

Pesquisa realizada por Almeida et. al. (2011) demonstram que os participantes mesmo tendo alguma doença crônica e percebendo o andamento de sua saúde conseguiam ter autonomia e capacidade de manter-se economicamente, pois percebiam a sua funcionalidade mesmo diante dos problemas de saúde. O mesmo ocorre com os idosos dessa pesquisa, pois observam seus limites e os controla de forma a manterem sua independência física e econômica.

Três idosas relatam que devido à idade avançada e sequelas de muitos anos de trabalho a saúde não é tão boa, entretanto isso parece não impedi-las de realizar as atividades laborais ou domésticas:

“Eu me aposentei já estava com problema de saúde, já estava um pouco avançado, né? devido ser hipertensa desde a juventude e com o trabalho, me deixou muitas sequelas. Eu ser hoje hipertensa, ter angina e já ta com a idade avançada, 66 anos”. (Sra. Severina)

“Eu tenho duas hérnias de disco, quatro bico de papagaio. Então eu costumo dizer assim: enquanto isso não se torna cd os papagaios vão cantando e pronto e vou levando a vida assim mesmo. Não reclamo de nada de dor, não reclamo de nada que isso é da idade. A pressão, as pernas mais inchadas quando anda muito, o cansaço à noite quando me sento, cochilo mais frequente mais são coisas da vida, acho natural”. (Sra. Cristina)

“Eu tenho problema de artrose e artrite no joelho, e é a única coisa que me preocupa só é isso”. Mais essa senhora mesmo com esses problemas de saúde continua trabalhando e diz: “se ficar em casa eu acho que ia ter uma depressão”. (Sra. Joana)

Essas idosas veem os problemas de saúde como normal, analisando do ponto de vista da velhice. Segundo a Política nacional de saúde da pessoa idosa de 2006, o “envelhecimento é um processo natural que ocorre ao longo de toda a experiência de vida do ser humano, por meio de escolhas e de circunstâncias”. E as incapacidades que são acarretadas pela velhice, como funcional e limitações físicas, cognitivas e sensoriais não são circunstâncias inevitáveis do envelhecimento. Porém diante as diretrizes dessa política, “envelhecer, portanto, deve ser com saúde, de forma ativa, livre de qualquer tipo de dependência funcional, o que exige promoção da saúde em todas as idades” (BRASIL, 2006).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho mesmo com sua dimensão histórica permeada por sofrimento transpassou pelas sociedades chegando atualmente a ocupar um lugar fundamental na vida das pessoas, sendo considerada, muitas vezes, como a principal atividade exercida por elas, pois comporta parte da sua vida social e seus laços afetivos. Compreender a representação do trabalho na vida dos indivíduos possibilita um olhar diferenciado no processo de transição para a aposentadoria de tais pessoas.

Por ser um processo, foi possível notar que há dificuldades em vivenciar este período da vida. Primeiro, pelo evidente significado que o trabalho ainda tem para estes jovens idosos de classes populares que ainda sentem-se, em sua maioria, dispostos e aptos ao trabalho. Segundo, mesmo considerando a aposentadoria uma conquista, após anos de trabalho, relutam em abrir mão da possibilidade de aumentar os rendimentos e, principalmente de romper as relações sociais e afetivas construídas no ambiente de trabalho, optando por retornar a ele ou iniciar um novo, criando novas possibilidades de participação social. Terceiro, não planejaram, não se preparam para este momento e tiveram que enfrentar inicialmente o vazio de “não ter o que fazer” para ocupar o espaço/tempo daquilo que tomou conta de grande parte da sua existência, o trabalho.

A organização do cotidiano dos idosos após aposentadoria permaneceu por parte da maioria em torno do trabalho, sendo por alguns uma atividade informal, e por outros a continuidade das atividades laborais que já exerciam. Manter uma rotina com hábitos anteriores ou que apresentassem uma tarefa ativa, trouxe um impacto positivo para a qualidade de vida desses idosos. Além de se sentirem úteis, promoveu oportunidades de ter novas amizades, aumentar a renda familiar e mais importante, manter a independência funcional, apesar dos problemas de saúde.

Os Programas de Preparação para Aposentadoria podem ser uma estratégia de grande ajuda para o enfrentamento desse processo de transição, visto que é uma maneira de muitos idosos estarem refletindo sobre a transição do trabalho para a aposentadoria e construindo novas possibilidades. Pode possibilitar também, aprender a lidar com as dificuldades que surgirão nesse processo e a criação de novas oportunidades de estarem ativos e inseridos na sociedade. Não esquecendo

que esses programas preparam as pessoas para o momento de parar, o que para muitos não é pensado e pode acarretar em sofrimento quando ocorre por meios inevitáveis, como doenças.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P.M.; MOCHEL, E. G.; OLIVEIRA, M. S. S. O idoso pelo próprio idoso: percepção de si e de sua qualidade de vida. **Revista Kairós Gerontologia**, 13(2), ISSN 2176-901X, São Paulo: março 2011: 99-113.

AZEVEDO, E. L. **Aposentados em movimento: Tensões e convergências com o movimento sindical**. Salvador – Bahia, 2004. Dissertação (Pós-Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal da Bahia.

AZEVEDO, E. L. A seguridade social em pauta: a luta política dos/as idosos/as. **Mediações**. Londrina, v. 17 n. 2, p. 92-107, Jul./Dez. 2012.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo* Lisboa: Edições 70, 2006.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. **Câmara Legislativa do Distrito Federal**. Brasília, 1998.

BRASIL. Portaria nº 2.528 de 19 de outubro de 2006, da Política Nacional de Saúde da pessoa idosa. Disponível em: <<http://www.saudeidoso.icict.fiocruz.br/pdf/PoliticaNacionaldeSaudeDaPessoaldosa.pdf>>. Acesso em: maio de 2016.

CARMO, P. S. **O trabalho na economia global**. São Paulo: Moderna, 1998 - Coleção Polêmica.

CAVALCANTI, A.; DUTRA, F. C. M. S.; ELUI, V. M. C. Estrutura da Prática da Terapia Ocupacional: Domínio e Processo – 3ª edição. **Rev. Ter. Ocup. Univ.** São Paulo; jan.-abr. 2015;26(ed. esp.):1-49.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CHRISOSTOMOO, A. C. R.; MACEDO, R. O trabalho segundo a visão de um grupo de aposentados. **Revista Keirós Gerontologia**, 14(1), São Paulo, março 2011: 145-161.

CINTRA, S. T.; RIBEIRO, F.D.; ANDRADE, S.A. O cotidiano de aposentados que continuam trabalhando de maneira informal na indústria calçadista: percepções sobre a aposentadoria e o trabalho atual. Centro Universitário de Franca - UniFACEF. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 2010, vol. 13, n.22, pp. 227-287.

DEBETIR, E. Aposentadoria – Oportunidade de Realizar Projetos e/ou Momento de Crise? **ReCaPe – Revista de Carreiras e Pessoas**. São Paulo, V.1, n.02 Set/Out/Nov/Dez 2011.

DUARTE, C. V.; MELO-SILVA, L. L. Expectativas diante da aposentadoria: Um estudo de acompanhamento em momento de transição. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. São Paulo, 2009. 10(1), pp. 45-54.

FRANÇA, L. H. F. P.; VAUGHAN, G. Ganhos e perdas: atitudes dos executivos brasileiros e Neozelandeses frente à aposentadoria. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 207-216, abr./jun. 2008.

FRANÇA, L. H. F. P. Influências Sociais nas Atitudes dos ‘Top’ Executivos em face da Aposentadoria: um Estudo Transcultural. **RAC**, Curitiba, v. 13, n. 1, art. 2, p. 17-35, Jan./Mar. 2009

LARA, S. H. Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil. **Proj. História**, São Paulo, (16), fev.1998.

KHOURY, H. T. T.; FERREIRA, A. J. C.; SOUZA, R. A.; MATOS, A. P.; BARBAGELATA-GOÉS, S. Por que aposentados retornam ao trabalho? O papel dos fatores psicossociais. **Revista Kairós Gerontologia**, 13(1), São Paulo, junho 2010: 147-65.

MARINGONI, G. A longa jornada dos direitos trabalhistas. Revista Desafios do Desenvolvimento. São Paulo, ano 10, edição 76, 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2909:catid=28&Itemid=23>. Acesso em: fevereiro 2016.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, F. S.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORIN, E. M Os Sentidos do Trabalho. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 3, p. 8-19. São Paulo, 2001.

MUNIZ, J. A. PPA – Programa de Preparação para o amanhã. **Estudos de Psicologia**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 1996, 2(1), 196-204.

NASCIMENTO, P. C. **O idoso e a baixa estima na aposentadoria**. Rio de Janeiro, 2002. Monografia (Especialista em Arteterapia). Diretoria de Projetos Especiais. Universidade Candido Mendes.

OLIVEIRA, J. F.; MAÑAS, A. V. Tecnologia, trabalho e desemprego: um conflito social. 1 ed. São Paulo: Érika, 2004.

PORTARIA Nº 2.528 DE 19 DE OUTUBRO DE 2006, DA POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE DA PESSOA IDOSA. Disponível em: <<http://www.saudeidoso.iciet.fiocruz.br/pdf/PoliticaNacionaldeSaudeDaPessoaIdosa.pdf>>. Acesso em: maio de 2016.

SANTOS, L. Sociologia do trabalho. Inhumas-IFG; Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2012. 76p; II.; 21.

SELIG, G. A.; VALORE, L. A. Imagens da aposentadoria no discurso de pré-aposentados: subsídios para a orientação profissional. Universidade Federal do Paraná. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 2010, vol. 13, n.1, pp. 73-87.

SILVA, M. V. S. Idosos Aposentados: representações do cotidiano. **Est. Interdiscipl. Envelhec**. Porto Alegre, v. 1, p. 91-104, 1999.

SOARES, D. H. P.; COSTA, A. B.; ROSA, A. M.; OLIVEIRA, M. L. S. APOSENTAÇÃO: programa de preparação para aposentadoria. **Estud. interdiscip. envelhec.**, Porto Alegre, v. 12, p. 143-161, 2007.

XIMENEZ, M. A.; CONCONE, M. H. V. B. Velhice e trabalho, uma relação possível? **Revista Kairós**, São Paulo, Caderno temático 6, 2009.

XIMENES, M. A. Os mais velhos no mercado de trabalho. **REVISTA PORTAL de Divulgação**, n.1, Ago. 2010. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.com/revistanova/index.php/revistaportal/article/viewFile/31/31>>. Acesso em: fevereiro de 2016.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores Sociais**. Rio de Janeiro, 2014.

BARBOSA, W. Sociologia e Trabalho: Uma Leitura Sociológica Introdutória. Ano: n.d.

ZIMERMAN, G. I. **Velhice: Aspectos Biopsicossociais**. Editora Artmed, 1 ed. 2000.

APENDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a) _____

Esta pesquisa é sobre a **Percepção de idosos sobre o processo de transição ocupacional: do trabalho à aposentadoria**, e está sendo desenvolvida pela pesquisadora **Erika Carneiro da Silva**, aluna do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Professora **Marcia Queiroz de Carvalho Gomes**, constituindo o Trabalho de Conclusão de Curso da aluna.

O objetivo do estudo é compreender como o idoso percebe o processo de transição ocupacional, do trabalho para a aposentadoria, e suas implicações no seu cotidiano e na sua saúde.

A finalidade deste trabalho é contribuir para o conhecimento acerca de como os idosos estão lidando com a transição do trabalho a aposentadoria, quais as principais dificuldades enfrentadas e como este processo impacta na sua saúde. Tais conhecimentos poderão despertar o idoso para a importância do engajamento em atividades significativas, assim como, nortear os profissionais no desenvolvimento de ações e orientações junto aos idosos, (re)significando seu cotidiano.

Solicitamos a sua colaboração para o estudo, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicação em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, informamos que, de acordo com a Resolução nº466 de 12 de novembro de 2012 da CONEP/MS, essa pesquisa oferece riscos mínimos como qualquer pesquisa que apresenta entrevista, mas que não são nocivos para a sua saúde. Informamos, ainda, que no caso de haver desconforto e/ou incômodo quando da abordagem de assuntos referentes à temática da pesquisa, o/a senhor/a pode interromper sua participação a qualquer momento, e só voltar a fazê-lo se assim e desejar e da maneira como julgar conveniente.

Sua participação consistirá em uma conversa com a pesquisadora sobre sua atividade de trabalho e suas atividades após a aposentadoria. Esta conversa será gravada.

Salientamos que os dados desta pesquisa ficarão guardados no Departamento de Terapia Ocupacional do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba por 5 anos e, após esse período, serão descartados, de acordo com a Resolução número 466 de 12 de novembro de 2012; seus dados serão mantidos em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente de que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura da Testemunha

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora orientadora Marcia Carvalho de Carvalho Gomes: (83) 3216 7996 ou (83) 9682 4888 .

Endereço: Departamento de Terapia Ocupacional CCS/UFPB – Cidade Universitária / Campus I. Ou: Comitê de Ética em Pesquisa do CCS/UFPB – Cidade Universitária/ Campus I, Bloco Arnaldo Tavares, sala 812 – Fone: (83) 3216-7791. E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Atenciosamente,

Profa. Marcia Queiroz de Carvalho Gomes

Erika Carneiro da Silva

Obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

APENDICE II

PERCEPÇÃO DE IDOSOS SOBRE O PROCESSO DE TRANSIÇÃO
OCUPACIONAL: DO TRABALHO À APOSENTADORIA

ERIKA CARNEIRO DA SILVA

Roteiro da entrevista

I. Dados de Identificação

Nome:

Idade:

D.N.:

Estado Civil:

Naturalidade:

Onde reside:

Com quem reside:

Renda Familiar:

Data que se aposentou:

II. Histórico Ocupacional

1. Fale sobre as atividades profissionais que você exerceu (quais delas mais gostou, por que?; em qual delas ficou mais tempo; qual sente saudade, etc)
2. O que era o trabalho para você?
3. Como foi para você a decisão de pedir aposentadoria?
4. Você fez planos para este período? (planejou o que iria fazer? participou de algum PPA?)
5. Tem realizado o que planejou?
6. Você tinha muitos amigos no trabalho? (ainda encontra? Onde? Quando?)

7. O que é ser aposentado para você? (como você se sente? Era o que você esperava? O que acha que os outros pensam sobre o aposentado?).

8. Exerce alguma atividade remunerada ou voluntária hoje?

III. Cotidiano e saúde

9. O que mudou no seu cotidiano após a aposentadoria?

10. Fale sobre sua rotina logo após a aposentadoria. E sua rotina atualmente (todos os dias da semana)

11. Quais suas ocupações preferidas atualmente? (são coisas que já fazia ou coisas novas? Com quem faz?)

12. Você está satisfeito com suas ocupações cotidianas? (totalmente, muito, pouco, nada satisfeito). Por quê?

13. Sua rede social aumentou ou diminuiu com a aposentadoria?

14. Como você considera sua saúde? Percebe alguma alteração nos últimos anos?